

# A CIDADE E O SOM. REVISITAÇÃO SONORIZADA DE DOURO, FAINA FLUVIAL

Carlos MF Rodrigues<sup>1</sup>

Paula Mota Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Cidade e cinema é um díptico comum nos estudos cinematográficos, e um ângulo possível de abordagem partindo de outras áreas de saber que não o do estudo do cinema, como por exemplo, o do estudo de cidades pelo arquiteto/urbanista. O género cinematográfico chamado de CitySymphony é o epítome desta associação dualista. No entanto, o que mais centraliza o olhar analítico sobre a cidade e sua presença e representação no cinema é quase sempre a imagem. O som é subalternizado ou colocado numa periferia do esforço analítico. Não obstante, tanto na ficção como no documentário, o som é um elemento fundamental na construção total da obra cinematográfica. Esta apresentação, parte de um projeto mais alargado no âmbito da Antropologia Visual sobre sociofonias, onde um conjunto de filmes rodados no Porto constitui terreno na observação acústica da cidade, traz uma sonorização de 8 minutos do *Douro, Faina Fluvial* (Manoel de Oliveira, 1931). O trabalho fílmico, que apresentamos, considera as atmosferas sonoras urbanas como dependentes ou decorrentes do processo tecnológico evolutivo das cidades ou da tecnologia lato senso. Pretendemos desenvolver a ideia de que o progresso, o desenvolvimento, a evolução, são geradores de sonoridades bloqueadoras da qualidade de vida ou mesmo da sua viabilidade e de um outro conjunto de funcionalidades humanas como a fruição, a arte, etc.

**Palavras-chave:** Sistemas representacionais; Sociofonia; Campo acústico; Plano acústico.

**Contacto:** [carloseirol@outlook.pt](mailto:carloseirol@outlook.pt); [pmsantos@ufp.edu.pt](mailto:pmsantos@ufp.edu.pt)

## Introdução

O exercício cinematográfico *Câmara do Ouvir, Câmara do Olhar*<sup>3</sup> que aqui apresentamos, integra-se num trabalho de investigação, no âmbito da antropologia visual, incidindo nas sociofonias (Alonso 2011), isto é, nos sons e sonoridades urbanas observados a partir de filmes realizados na cidade do Porto. De entre os filmes analisados, escolhemos uma obra cinematográfica absolutamente emblemática na história do cinema português: *Douro, Faina Fluvial*, primeiro filme realizado por Manoel de Oliveira, corria o ano de 1931.

---

<sup>1</sup> Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

<sup>2</sup> Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

<sup>3</sup> Ensaio cinematográfico disponível em <https://vimeo.com/104649859>

A ideia central por detrás deste exercício académico é tentar sublinhar os contornos da Antropologia do Som, como uma forma de contraponto aos estudos cinematográficos em geral, e à Antropologia Visual em particular, que destacam a imagem em detrimento do som<sup>4</sup>.

Essa hegemonia da imagem sobre o som no cinema pode-se constatar por nós próprios enquanto espetadores e cinéfilos. Assim, e por exemplo, o mais provável é que na nossa memória das personagens criadas por Boris Pasternak habitem uma *Lara* e um *Yuri* como os deram ao ecrã Julie Christie e Omar Shariff no *Doctor Zhivago* (1965) de David Lean, ou um *Kurtz* como Marlon Brando o interpretou no *ApocalypseNow* (1979) de Francis Ford Coppola. Mais recentemente, em 2011, o filme *The Artist* de Michel Hazanavicius, trouxe-nos uma explicitação sobre esta relação entre imagem e som no cinema, bem como sobre a centralidade deste último na obra cinematográfica. Foi um arrojo o de Hazanavicius o de optar por realizar, num presente tão fortemente marcado por desenvolvimentos tecnológicos na arte cinematográfica, um filme mudo e a preto e branco, e fazê-lo utilizando também os códigos cinematográficos e estéticos dessa época inicial do cinema. Hazanavicius irá quebrar o formalismo retro do seu filme na sequência onírica que o personagem masculino principal protagoniza. É aí que Hazanavicius faz emergir o som e fá-lo dando-lhe um carácter perturbador e subversivo<sup>5</sup>. E é nesta emergência ‘anómala’ do som (o sonho torna-se assim num pesadelo) que esta sequência de *The Artist* nos permite realmente perceber como o som é tão central ao cinema de hoje quanto a imagem, embora a nossa consciência de tal (pelo menos enquanto espetadores) seja bastante fraca.

O desafio do ensaio cinematográfico levado a cabo por um dos autores deste texto (Carlos MF Rodrigues) sobre o primeiro filme de Oliveira consistiu em investigar que som direto os gravadores, caso os filmes fossem já sonoros, teriam registado e que tipo de composição musical poderia ter sido escolhida para adicionar ao perfil artístico na sonoridade do filme, simulando, o direto e a

---

<sup>4</sup> Como contraponto a esta hegemonia do visual na análise cinematográfica, destacamos a obra de Michel Chion (1982; 1994).

<sup>5</sup> Excerto disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=1qvNfSwTAFE> (acedido em 26 de agosto de 2014).

música possível das imagens registadas por Oliveira. O objetivo era poder avaliar de que modo a representação do Porto que o *Douro, Faina Fluvial* é, se modificava ou não com o complemento sonoro das ações filmadas.

### **Sonoridade urbana**

As investigações conduzidas por nós desde 2009 demonstraram que, tal como nos estudos de Schafer (1997) e Phillippot (1974), entre outros, o som das cidades depende da densidade demográfica das tecnologias instaladas nos processos da mobilidade, do trabalho e da fruição bem como da sua configuração urbanística. Este estudo, que decorre na área da Antropologia do Som, ao escolher a escuta diacrónica experimentada e expressa pelos realizadores, classificou as sonoridades urbanas em vários períodos sociofónicos, a partir da análise dos filmes rodados no Porto durante o século XX<sup>6</sup>.

As sociofonias, entendidas como o som que resulta de todo o funcionamento social e humano, podem classificar-se em quatro tipologias<sup>7</sup>. *Primordial, ou proto-sociofónica* a que esteve presente ao exercício ontogenético do desenvolvimento do ouvido humano. *Sociofonia posterior* a que contém apenas os sons produzidos pela natureza e pelo ser humano, com os seus instrumentos de instrumentos de trabalho. A *sociofonia pausada* tem uma sonoridade composta por todos os sons produzidos pela natureza e pelo ser humano, mas utilizando já instrumentos de metal, e dura até à revolução industrial. A partir da revolução industrial, os níveis de pressão sonora vão-se tornando,

---

<sup>6</sup> Os filmes analisados foram os seguintes: *Porto da Minha Infância* (2000), *Douro, Faina Fluvial* (1931), *Aniki-Bóbo* (1942), *O Pintor e a Cidade* (1956) de Manoel de Oliveira, *Capas Negras* (1947) de Armando de Miranda, *O Leão da Estrela* (1947) de Arthur Duarte, *A Costureirinha da Sé* (1958) de Manuel Guimarães, *O Passarinho da Ribeira* (1959) de Augusto Fraga, *Jaime* (1999) de António Pedro Vasconcelos, *Corpo e Meio* (2001) de Sandro Aguilar, *Canção Distante* (2001) de Pedro Serrazina, *Acordar* (2001), de T. Guedes & F. Serra, *As Sereias* (2001) de Paulo Rocha, *Rusga* (2001) de Paula Mota Santos, *Pioneiros, Palavras e Imagens da Memória* (2007) de Maria Fátima Nunes.

<sup>7</sup> Foram propostos dois tipos complementares de classificação de sonoridades, a primeira diz respeito às sonoridades ligadas ao desenvolvimento tecnológico ao longo da História Universal, a outra, à cidade, pelo que a relação entre sonoridade primordial e pausada e entre sonoridade posterior e oclusiva, embora as refiramos não iremos desenvolvê-las por considerarmos não ser oportuno neste artigo. As noções consideradas são ainda as já publicadas aquando das atas do III Encontro AIM, em Coimbra em 2013.

gradualmente, mais severos, mais oclusivos e com sons mais contínuos, de tal modo que, no interior das cidades, vai sendo cada vez mais difícil ouvir os sons primordiais e os pequenos sons das relações humanas nas suas diversas modalidades. Na última sociofonia, a *sonoridade convulsiva*, os níveis de pressão sonora urbana inauguram uma atmosfera acústica com elevados níveis de pressão sonora que vão degradando muitos processos sociais e humanos.

A história do desenvolvimento destes processos, na cidade do Porto, assinala uma evidente descontinuidade a partir da Revolução Industrial, logo nos finais do século XIX. Este conjunto de fatores é exemplarmente revelado pelo filme em epígrafe de Manoel de Oliveira, que transmite bem a transição das sociofonias pausadas para as sociofonias oclusivas, a que se seguirá a sociofonia convulsiva.

O período de sociofonia oclusiva teve o seu início no começo da revolução industrial nos meados do século XIX e, em Portugal, manteve-se até por volta da década de 60 do século XX. Esta sociofonia caracteriza-se pelas suas sonoridades que vão enchendo a rua de tal maneira que os sons dialógicos deixam de ser possíveis, as crianças por exemplo deixam de poder conversar com os pais, pois os níveis de pressão sonora não permitem as escutas dos sons mais fracos. Os pregões vão aos poucos deixando de se ouvir (o que é a realidade presente dado que apenas uns pouquíssimos ainda existem), não só devido aos níveis do desenvolvimento social atingido, mas também e essencialmente porque a pressão sonora dos espaços, em campo livre, na cidade, não deixa que esses sons possam ter a sua função de utilidade comercial para que foram criados. Começam a identificar-se, nas cidades, locais tranquilos e lugares intranquilos, não devido a algum dos tipos de agressividade social, mas devido aos níveis de pressão sonora que esses locais registam de um modo quase contínuo.

Nesses tempos anteriores, procurar um lugar para conversar tranquilamente não queria dizer procurar um lugar quase sem gente para, sem tumulto, estar calmamente conversando na cidade. Podendo mesmo o lugar estar cheio de gente, o que importava era que o nível de pressão sonora fosse suficientemente baixo para que as vozes de quem conversa pudessem ser

mutuamente ouvidas, sem que os ouvidos e os seus automatismos de descodificação automática tivessem constantemente de se desviar para uma outra multiplicidade de conversas audíveis.

O filme *Douro, Faina Fluvial* foi inspirado nas tendências fílmicas da época em realizadores como Walther Rutman, Dziga Vertov e Jean Vigo no modelo a que se convencionou chamar de *CitySymphony*. Manoel de Oliveira realizou este filme com uma linguagem hiperfragmentada e um ritmo acelerado, devido a um elevado número de planos, tornando a leitura ao mesmo tempo luminosa e simples na seletividade contextualizada das suas unidades de sentido. O filme tem a duração total de dezoito minutos e sete segundos e contém 451 planos. A título de exemplo o primeiro minuto tem 33 planos e no quarto minuto entre o 6º e o 7º segundos há dois planos e 101 e o 102.

O trabalho de sonorização do pequeno excerto do filme *Douro, Faina Fluvial*, foi conduzido segundo o método de Observação Etnoacústica dos Lugares (OEL), método desenvolvido para os efeitos de estudos etnográficos do som, no âmbito da Antropologia Visual e que pode ser aplicado segundo várias modalidades. Para este estudo usamos a OEL\_M, ou seja, a observação etnoacústica dos sons da memória (M) dos lugares, cuja montagem exige, para além de possíveis entrevistas, a consulta, de bases de dados ou produções de sonoplastia. A modalidade OEL\_F, isto é, a observação minuciosa de filmes rodados nos locais, neste caso a observação do próprio filme apesar de mudo. E a modalidade OEL\_T, ou seja, na *timeline*, a que se desenvolve depois ou em simultâneo com a montagem da imagem e leva em consideração os planos, os campos e os espaços acústicos que, na prática, se vão privilegiar nos termos da montagem.

O filme *O Pintor e a Cidade* (1956) também de Manoel de Oliveira pode ser utilizado como contraponto ao *Douro, Faina Fluvial*. *O Pintor e a Cidade* foi rodado 20 anos depois e é sonoro. Não tem diálogos, nem direção de atores, excetuando talvez o desempenho do seu único protagonista, o pintor António Cruz. Rodado nos anos 50, o que essencialmente se ouve nesse filme é aquilo que foi considerado pelo realizador como som da cidade. Ouvem-se também

improvisações ao órgão de Ivo Sanvini e efeitos de sonoplastia de Heliodoro Pires. Os sons aparecem em sucessivos campos acústicos muitos deles sobrepostos, mas com o resultado estético que sugere som de cidade e sentido cultural, para além da carga semântica sonora trazida pelo coro de Os Madrigalistas do Porto.

Ficando a conhecer melhor, na sua integralidade, o estilo sonográfico de Manoel de Oliveira, pelo contraponto estabelecido entre estes dois filmes, tivemos o atrevimento, e que Manoel de Oliveira nos releve este ato, de após a análise do *Douro, Faina Fluvial* “escrever” um pequeno resumo do filme e que basicamente corresponde àquele pequeno trecho ficcionado, em que um rapaz é supostamente atropelado pelo descair de uma camioneta devido à distração do condutor quando ficou entretido a olhar um biplano que no momento cruzava os céus. Gritos, correrias, aflições, mas, afinal, nada de grave tinha acontecido. A sonorização deste resumo intitulado *Câmara do Ouvir, Câmara do Olhar*, com a duração de cerca de 8 minutos foi acrescentada na *timeline* de montagem com algumas pistas sonoras, de modo a que o seu visionamento resultasse como se Manoel de Oliveira tivesse usado gravadores digitais ao lado das câmaras de filmar.

O ambiente musical da *Câmara do Ouvir, Câmara do Olhar* é construído pela Sinfonia nº 8 de Dvorak, também conhecida pelo nome *American Industrial Revolution and Child's Labor*. Um outro trecho musical tocado ao acordeão por Jo Blumenberg, *A Rosinha dos Limões* composto por Artur Ribeiro compositor nascido no Porto em 1924, traz para o ambiente do filme uma breve nota de alegria da festa popular. Os sons dos guindastes a vapor que, na altura, existiam ao serviço na Ribeira pertencem a *Ruston & Hornsby Steam Navy*. O som dos motores a vapor dos comboios pertenciam ao *Sydney Tramway Museum – LP 15*. O som dos motores do avião biplano: *Two WW1 French Nieuport 24 Biplanes*. Ainda a fábrica de guindastes a vapor *Steam Shovel*, guindastes a vapor que também trabalhavam na abertura do canal do Panamá, os sons humanos e os dos pregoeiros pertenciam ao grupo etnográfico do Museu do Carro Elétrico do Porto. Motores dos carros: *Ford Model T, How to start & How to Drive*, automóveis dos anos 30. Os gritos e efeitos vários do

banco *Cibelle Meyer*. Efeitos sibilantes, pássaros, algumas vozes, passos, sons de trabalho, vento, animais...pertencem a um banco próprio de dados sonoros.

*Douro, Faina Fluvial* colocou-nos num universo de trabalho árduo, dos homens ao lado das máquinas a vapor da revolução industrial, manuseando sacos com quantidades de carvão e outros produtos de fabrico industrial, para além do bacalhau seco destinado ao comércio. Os sons das máquinas a vapor no terminal ferroviário da Alfândega, o som dos rodados de metal das carruagens de carga, rodando pesados nos carris de ferro. Os cabrestantes e braços oscilantes nos guindastes movidos a vapor, erguendo no ar fardos de bacalhau, cimento ou carvão. O uivo frequente das sereias dos barcos a vapor no rio Douro, o apito das locomotivas dos comboios, o restolhado surdo e acutilante dos primeiros motores a gasóleo de explosão das primeiras camionetas de carga, dezenas de carros puxados por muares com as grandes rodas de ferro estrelejando nas calçadas, com os apupos de estímulo aos animais por parte dos condutores que, quando necessário, seguiam atrás das carroças, com as aguilhadas em riste. O som áspero, metálico e deslizante das pequenas gruas movidas com manivelas por braços humanos, carregando e descarregando do cais para bordo e de bordo para a parede do cais. Depois as vozearias, os chamamentos, as exclamações de acautelamento, por vezes, alguns pregões e até cantigas...

Nuvens de sonoridade continuamente se erguiam no ar, o que na altura deveria inspirar progresso, intranquilidade, trabalho e desenvolvimento. Era este um período de fusão de sonoridades. A sonoridade urbana, até aqui sensitiva, real e com fortes ligações analógicas a atividade e ao sentimento, vai aos poucos sendo afastada pelas sonoridades troantes metálicas contínuas e percutivas das tecnologias próprias do tempo pós revolução industrial e que estavam mesmo a chegar.

No dealbar da era industrial, grandes concentrações demográficas urbanas criaram a emergência de uma nova realidade social que a corrente neorrealista iria refletir em uma multiplicidade de expressões. As cidades, praticamente medievais, veem-se confrontadas com uma enorme afluência de assalariados muito desfavorecidos, vindos das áreas rurais, para as zonas

industriais. Como estes êxodos campestres, não aconteciam em função de um plano criavam-se aos poucos bairros de miséria. A zona ribeirinha filmada por Oliveira, não só é uma região urbana fortemente marcada pelo trabalho (o rio era ainda nessa altura porto comercial), como também pertence a uma das zonas da cidade que mais sofreu esse influxo migratório: o casco antigo da cidade.

As sonoridades que compunham a atmosfera acústica da cidade do Porto iriam assim nos finais do séc. XIX sofrer alterações devido à evolução das tecnologias que se iam paulatinamente instalando no trabalho, na mobilidade e até na fruição. Em 1856 é inaugurado o primeiro troço de via-férrea de Lisboa ao Carregado. No Porto, nos finais do séc. XIX emergem, com poucos anos de diferença, vários marcos da Modernidade: a ponte ferroviária de D. Maria fica completa em 1877, o primeiro comboio vindo da linha do Minho entrava pela primeira vez em S. Bento, a ponte Luiz I era inaugurada em 1888, e em 1895, entra ao serviço o carro elétrico do Porto. Até então os ancoradouros do rio Douro no Porto encontravam-se apinhados de embarcações. Os barcos que, anteriormente, na sua maioria, eram a remos e à vela, passaram a automoverem-se a vapor. Aos poucos, iam também chegando os barcos com motores mais rápidos e mais potentes, mais ruidosos e poluidores, motores de explosão a 4 tempos, alimentados com combustíveis derivados do petróleo. Os calados dos navios iam aumentando cada vez mais.

Por outro lado, nos transportes terrestres, o comboio ia ganhando importância no transporte rápido, cómodo e seguro, quer de passageiros quer de mercadorias. Com a entrada do primeiro comboio em S. Bento e a inauguração da ponte de D. Maria, a via-férrea ficava com o acesso desimpedido à cidade do Porto, um novo canto tecnológico com o seu afã urbano ia entrar na cidade. A sonoridade dominante passaria a ser de origem tecnológica, dando origem às sociofonias tecnológicas de carácter oclusivo: as relações entre as pessoas baseadas no diálogo, nos pequenos gestos, nas conversas com as crianças e jovens, os sons da intimidade espontânea começavam a ser expulsos das ruas da cidade.



## Notas finais

O passado e o futuro só existem, ou têm facticidade existencial, na medida em que forem referidos, reconhecidos e, de algum modo, vividos no presente, e mesmo que no futuro se chegue à linha do tempo que agora apenas imaginamos, no momento em que essa altura chegar será de novo o presente (Agostinho 2008). O recurso ao método OEL possibilitou tornar presentes aqueles sons que antes se ouviam, consciencializando as temporalidades, tal como Santo Agostinho (Ibidem) as definia. Os parâmetros agostinianos da temporalidade permitem-nos a trajetória heurística que resultou da pretensão em recriar a fruição de eras anteriores à nossa (e modelar no futuro as sonoridades do agora).

Sabe-se, por exemplo, que no século XVIII o ruído em Paris era literalmente insuportável. Os mesmos registos nos informam sobre a natureza desses ruídos: gritos, carroças e carruagens, cavalos, sinos, artesãos trabalhando, etc. Disso poderemos inferir que o nível sonoro médio deve ter apresentado flutuações acentuadas, que seu espectro deve ter tido picos e quedas, de modo que era realmente fragmentado. Ao lado disso, o espectro sonoro deve ter sido muito pobre em baixas frequências [...] Na era mecânica e – se falarmos do ruído das grandes cidades – com a invenção do automóvel os ruídos tornaram-se contínuos e os sons de baixa frequência aumentaram [...]. O ruído do ambiente moderno poderia ser brevemente caracterizado como contínuo e pesado com poucas flutuações [...] “Paro de falar”, dizia o idoso Alembert, “quando um carro passa”... [...]. Isso significa que ele ainda podia gozar de momentos de silêncio entre dois carros. (Philippot 1997, 169)

Verificamos que, em Paris, como no Porto, como se pode inferir de Philippot, a densidade demográfica ativa determina o aumento dos níveis de pressão sonora nos lugares e também a característica pausada de uma sociofonia em transição. No Porto, a sociofonia de sonoridade pausada assumiu as características que a citação refere, perdendo o seu caráter de pausado passando a poder ser “caracterizado como contínuo e pesado com poucas flutuações”.

Não obstante não ter som, ou o estar apenas munido de uma pista sonora gravada com um tema musical, os planos visuais do *Douro, Faina Fluvial* são

eloquentes na documentação das sonoridades existentes dessa época, sonoridades essas, sublinhe-se, que resultam essencialmente das tecnologias instaladas no “trabalho”, embora abranjam um pouco (mas bastante menos) as da mobilidade ou do lazer. O trabalho de sonorização levado a cabo, nomeadamente a busca de sons diretos a montar e acoplar à imagem, mostrou bem a eloquência sonora deste filme mudo. Se, na realidade, o sentido da representação da cidade do Porto se modifica de algum modo com a sonorização ‘direta’ das imagens que constituem o filme, só os espetadores o poderão dizer...

## **BIBLIOGRAFIA**

- Agostinho, Santo. 2008. *Confissões*. Livros vii,x,xi. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Cambrón, Miguel Alonso. 2011. “Sociofonia, identidad y conflicto. La ‘vida sonora’ de la Part Alta de Tarragona”. Dissertação de Doutoramento. Universidade Rovira I Virgili.
- Chion, Michel. 1982. *La voix au Cinéma*. Paris: Editions l’Étoile.
- . 1994. *Audio-vision: Sound on Screen*. New York: Columbia University Press.
- Piault, Marc-Henri. 2000. *Anthropologie et Cinéma*. Paris: Nathan.
- Rodrigues, Carlos Miguel. 2014. “Sonoridades da Cidade do Porto. Memória, Ação e Projeto”. In *Atas do III Encontro Anual da AIM*, editado por Paulo Cunha e Sérgio Dias Branco, 310-323. Coimbra: AIM.
- Santos, Paula Mota. 2007. “The Cinematographic Representation of the City of Porto (as seen by the actor in six films)”. Doc On-Line, nº 2, Julho de 2007, /02/paula\_mota\_santos.pdf>, pp. 35-59. Acedido em 23 de janeiro de 2012.
- Schafer, R. Murray. 1997. *A Afinação do Mundo*. São Paulo: Editora UNESP.

## **FILMOGRAFIA**

- Aguilar, Sandro. 2001. *Corpo e Meio*.

- Coppola, Francis Ford. 1979. *Apocalypse Now*.
- Duarte, Arthur. 1947. *O Leão da Estrela*.
- Fraga, Augusto. 1959. *O Passarinho da Ribeira*.
- Guedes, Tiago; Serra, Frederico. 2001. *Acordar*.
- Guimarães, Manuel. 1958. *A Costureirinha da Sé*.
- Hazanavicius, Michel. 2011. *The Artist*.
- Lean, David. 1965. *Doctor Zhivago*.
- Miranda, Armando de. 1947. *Capas Negras*.
- Nunes, Maria Fátima. 2007. *Pioneiros, Palavras e Imagens da Memória*.
- Oliveira, Manoel de. 1942. *Aniki-Bobó*.
- Oliveira, Manoel de. 1956. *O Pintor e a Cidade*.
- Oliveira, Manoel de. 2001. *Porto da Minha Infância*.
- Rocha, Paulo. 2001. *As Sereias*.
- Rodrigues, Carlos M.F. 2013. *Câmara do Ouvir, Câmara do Olhar*.
- Serrazina, Pedro. 2001. *Canção Distante*.
- Santos, Paula Mota. 2001. *A Rusga*.
- Vasconcelos, António Pedro. 1999. *Jaime*.

## WEBGRAFIA

- River's Symphony Concerto For didgeridoo. Acedido em 02 de outubro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=PO96J9UtvTE>
- Moon River with Gimnazija Kranj Symphony Orchestra. Acedido em 02 de outubro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=LWY0FkqVVTQ>
- XIAN XINGHAI] Yellow River Piano Concerto, Mvt's I, II, III. Acedido em 02 de outubro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=54g3oMyXI7Q>
- The London Symphony Orchestra - River Deep Mountain High. Acedido em 02 de outubro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=dXvGl9J2CKY>
- Dvorak: Symphony nº. 8 / American Industrial Revolution and it's child labor. Acedido em 02 de outubro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=EF7n-VKRS4>

Fado acordeão - Acordeonista Jo Blumenberg - Canção Português - A Rosinha dos limões. Acedido em 02 de outubro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=mpyrl89da8E>

Acordiao com a R.L.TV www.raizlusitanatv.com (N1) - Folclore (alegre). Acedido em 05 de novembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=3Eey3OiBNiA>

Fernando Nunes - Música Tradicional Portuguesa de Accordion. Acedido em 05 de novembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=IXxKP7xXsG4>

Efeitos Sonoros - Cibelle Meyer (Crianças a chorar e a rir). Acedido em 05 de novembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=IanbudUm6rQ>

My 1925 Ford Model T - How to Start & How to Drive (Automóvel antes da década de 30). Acedido em 05 de novembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=QxfHMTgg2d8>

1918 FWD Model B US Armytruck (O som da progressão de um camião do exército dos anos 30). Acedido em 05 de novembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=QrtxcBgL8vY>

1951 FWD FireTruck in Conroe, Texas (O trabalho do motor de um velho camião). Acedido em 05 de novembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=Z8oyyc8d73g>

Gallupville Gas Up (O trabalho do motor de um velho camião dos anos 30). Acedido em 13 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=DAi65WCNYWk>

Antique Erie Steam Shovel (Guindaste a vapor dos anos 30). Acedido em 13 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=ZjGIAe8zUj8>

Steam shovel at roots - (Guindaste a vapor funcionando). Acedido em 13 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=9nQs1cZCLEM>

Ruston & Hornsby Steam Navvy (Guindaste a vapor funcionando) Som de motores a vapor, sons da descarga dos baldes de carvão. Acedido em 13 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=d4VqiJpAcpk>

Buster Keaton Steamboat Bill Jr fragment with (real) sound (Som de vento em palco). Acedido em 13 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=SzMVhpiHZQk>

Battle of Midway (Som de motores de aviões). Acedido em 13 de dezembro de

2012. <http://www.youtube.com/watch?v=kIgcbkscT9o>

Ford Model A Barn Find First Drive after 30 years. Acedido em 13 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=jjH4k6jrodw931>

1919 Buick First start since 1952. Acedido em 13 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=LoEnnUKSgPY>

Two WW1 French Nieuport 24 biplanes(Som dos motores de biplanos).

Acedido em 28 de dezembro de 2012.

[http://www.youtube.com/watch?v=ilWs\\_c8Qk\\_A&list=PL70B88E5FF789DF08](http://www.youtube.com/watch?v=ilWs_c8Qk_A&list=PL70B88E5FF789DF08)

Buzina do Navio da Neia2011!!!. Acedido em 28 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=jeZzdwtdAac>

Steam Trains in the Hills - Puffing Billy Railway: Australian Trains. Acedido em 28 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=YkW17FfB1cE>

Motor a vapor com caldeira a lenha de fabricação caseira (Som de motor a vapor). Acedido em 28 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=HDZk9DrToZk>

Steamboats on Smith's Lake Australia - January 2013 (Lanchasrápidas a vapor).

Acedido em 28 de dezembro de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=Kj7wk-aNCko>

Yacht propellerunderwaterFremantle (Som de um hélice da navio trabalhando debaixo de água sons variados e bons). Acedido em 28 de dezembro de

2012. <http://www.youtube.com/watch?v=59lR1pCu1zg>

Efeito sonoro- grito de mulher (Mulher a gritar, cena do atropelamento na sequência do avião).

<http://www.youtube.com/watch?v=xYyWRYGqJQk>Acedido em 28 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=xYyWRYGqJQk>

Video Cabrestante (LetMar S.A.) - (Som do cabrestante). Acedido em 28 de dezembro de 2012. [http://www.youtube.com/watch?v=REv1\\_NAmbcM](http://www.youtube.com/watch?v=REv1_NAmbcM)

Som de gaivotas. Acedido em 28 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=WXLwkYrZFnY>

Starting the 1909 Blitzen-Benz, UNEDITED, @ Pebble Beach Concours d'Elegance (Som de um motor de um carro do princípio do séc. XX). Acedido em 28 de dezembro de 2012. [http://www.youtube.com/watch?v=xMa3\\_tT5mKA](http://www.youtube.com/watch?v=xMa3_tT5mKA)

Mercado da Ribeira (Som de multidão). Acedido em 28 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=BBfRaDi89iA>

Sound Therapy - SeaStorm (Som de mar tormentoso). Acedido em 28 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=cXWKtAJzab8>

Crich Tramway Museum (Som do motor do elétrico). Acedido em 28 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=nyfmhEojX38>

Sydney Tramway Museum, Sydney LP154 - to the Royal National Park and back (O som do motor do elétrico ouvido do interior). Acedido em 28 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=I9eKQo16yLo>

Tugboat line gets caught on a departing ship and drags the tug right over into the water (som de barulho metálico de cadeias rolantes no interior de um navio ou de um cais). Acedido em 29 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=2sLJX8eARLI>

Arrasto do Barco Vencedor VI (Som do barco em laboração no mar alto e de vozes a bordo). Acedido em 29 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=Qr2tWL-BEVo>

Pesca da sardinha na traineira princesa do Mondego (Sons de vozes durante a faina no mar alto). Acedido em 29 de dezembro de 2012. <http://www.youtube.com/watch?v=USxnRbK8-Dk>